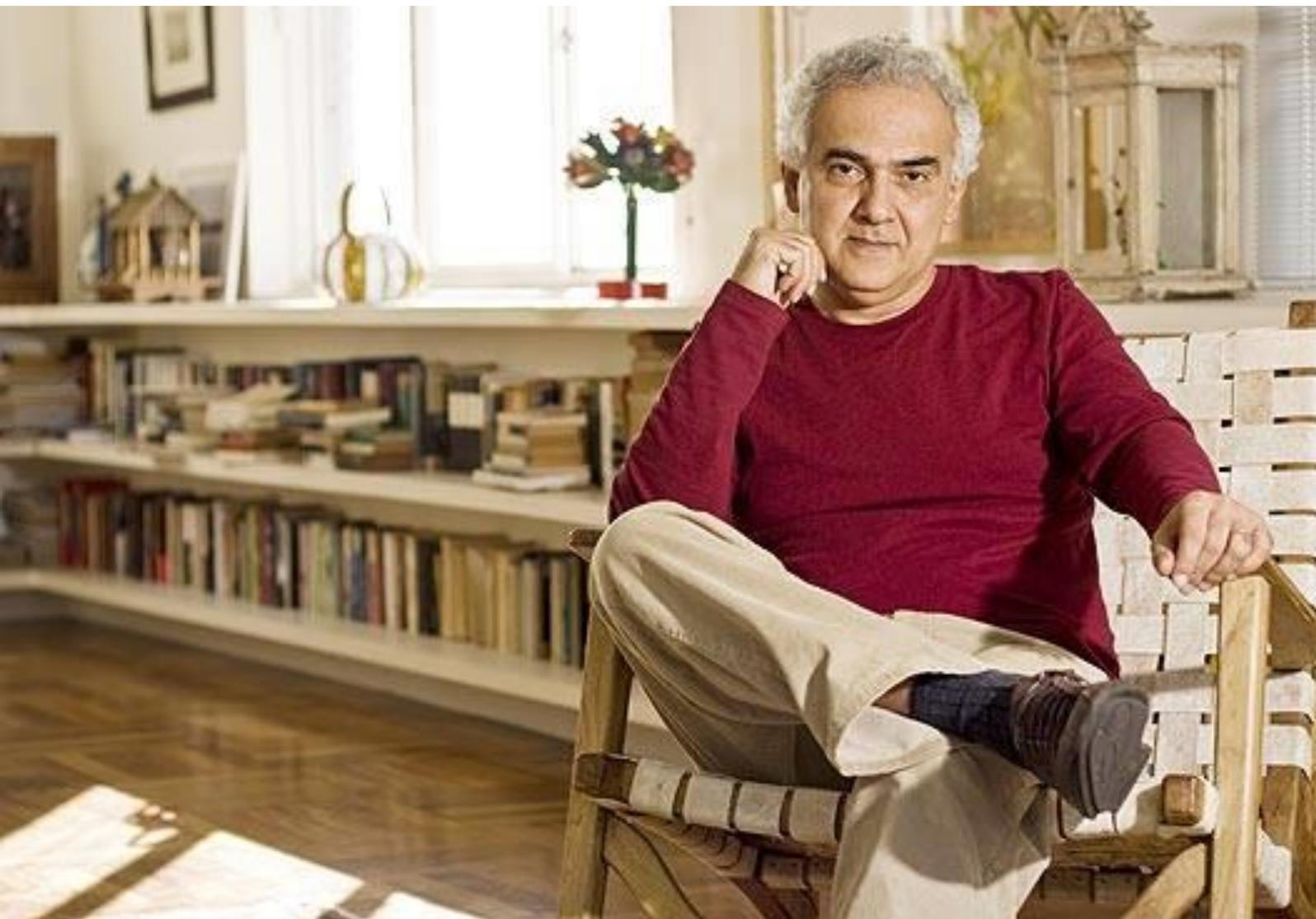


Caderno de Cultura Nódoa no Brim

O GUARDIÃO DO PASSADO NO ÓRFÃOS DO ELDORADO

Maria Madalena da Silva Dias (PPGEL/UNEMAT)

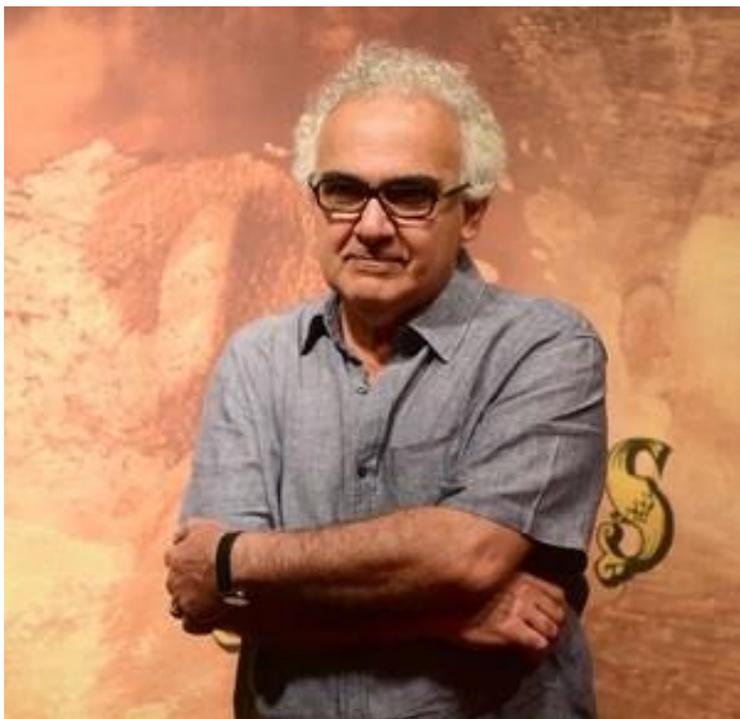


Órfãos do Eldorado (2008), o quarto romance do escritor amazonense Milton Hatoum, narra as memórias de um velho, Arminto Cordovil, pobre e solitário que decide contar sua história a um anônimo que procura abrigo na sombra de um jatobá. É a partir da configuração da narrativa de si, que a memória se faz discurso como percepção que une passado e presente, na busca por uma integridade do “eu”.

Milton Hatoum, um dos mais expressivos escritores contemporâneos, focaliza, nesse livro, a cultura e a complexidade histórica do Amazonas, por meio da vida de sofrimento e solidão de Arminto Cordovil, feitos pelo tecido da memória, um conjunto de lembranças que chega a criar um efeito fantasmagórico do estado da alma. A composição afinada de Milton Hatoum, afirma Alfredo Bosi (2006), é um ideal de prosa narrativa, refletida e compassada.

Segredos da Marquesa

Milton Hatoum



Outro dia soube que morreu uma mulher querida. Tinha um nome meio pomposo, de marquesa, mas não era nobre nem frequentava os salões dos decadentes barões da borracha. Com ela morreu a memória de uma época.

A Marquesa era uma amazonense que sonhava com o Rio de Janeiro. Realizou o sonho e morou mais da metade de sua vida num pequeno apartamento de Copacabana. Quando você se dá conta —, o tempo já deu suas voltas e foi embora, veloz e matreiro como uma distração.

Era mãe de uma amiga minha, mas destoava de outras mães, tão convencionais e carolas, tão donas de casa e voltadas apenas para o marido, o lar, os filhos. A Marquesa convidava crianças humildes para brincar com sua filha: crianças que moravam em palafitas na beira dos igarapés próximos do nosso bairro. Esse gesto generoso irritava certas mães, que proibiam os “indiozinhos” de conviver com seus filhos, mas não podiam viver sem as mãos serviçais das mães desses mesmos curumins e cunhantãs.

Aos sábados, brincávamos e merendávamos no quintal da casa da Marquesa; às vezes nos levava para assistir a um filme no cine Guarany, o antigo teatro Alcazar. Éramos oito ou dez crianças na matinê de sábado, nossa noite de sonho e fantasia no meio da tarde. Depois da sessão, tomávamos tacacá na barraca de d. Vitória, ali na calçada do cine Odeon, uma das maravilhas de Manaus.

Ao meio-dia, quando eu chegava do Ginásio Pedro II, ia visitar minha amiga e encontrava a Marquesa na sala, lendo uma revista francesa, ouvindo Bach ou Villa-Lobos; às vezes ela entrava em casa para conversar sobre música com a professora de piano da minha irmã caçula. E entrava também na roda dos homens para falar de política. O marido dela, um homem rígido e poderoso, sumia quando ela falava. Não sei por que casaram, talvez por amor, mas os dois amantes pareciam inimigos, como no poema de Drummond.

Na primeira semana de abril de 1964, ela reuniu os amigos da filha e disse que o país estava nas “garras dos bárbaros”. Eu tinha doze anos e não entendi; mas memorizei essas palavras: nas garras dos bárbaros. Aos poucos, ela percebeu que o marido bajulava os milicos, recebia políticos servis e interesseiros, raposas que passaram a frequentar a sala e o quintal de sua casa. Quando eles chegavam com garras afiadas e inchados de empáfia, ela saía ou se trancava no quarto para não ver essa gente.

Foi nessa época que começou a beber, e, quando bebia muito, era capaz de desafiar até o diabo, com ou sem farda. Por desamor ou indiferença — ou por *algo mais* —, ela se viu sozinha no casamento e decidiu viajar com a filha para o Rio. Calhou de conversarmos a sós em várias ocasiões; em algum dia de 1967 lhe disse que eu também queria partir.

E então, na despedida, me revelou que era amante de um homem que eu conhecia: queria viver com ele em Copacabana. Esse era o *algo*

mais. Ou alguém a mais na vida da Marquesa: uma história de amor, movida por encontros esporádicos, que duraram mais de duas décadas.

Ela se confinou em Copacabana e eu dei voltas pelo Brasil, sempre pensando em visitá-la, curioso por saber o nome do amante que, segundo a Marquesa, eu conhecia. Até simulava uma conversa com ela antes desse encontro prometido e tantas vezes adiado.

Enfim, visitei-a em 1978, quando lancei no Rio um livrinho de poesia. Almocei em seu apartamento de Copacabana, depois andamos até o Forte, onde conversamos sobre sua filha, minha amiga de infância, que estava morando em Londres.

“Ela fugiu das garras dos bárbaros?”

A Marquesa deu uma risada:

“E das garras da mãe.”

No fim da tarde, revelou que seu amante — o homem que eu conhecia — era um dos meus tios solteiros.

A revelação me deixou mudo por um momento. Mas não resisti e perguntei qual deles.

“O galã sonhador”, disse, sem hesitar. “De vez em quando a gente namora aqui no Rio. Não piso mais em Manaus.”

Revelou outras coisas de sua vida, e contou detalhes da história amorosa com o galã sonhador. Nunca os imaginei juntos, nem desconfie do caso entre os dois. Foi uma história de amor clandestina, que resistiu ao mau olhado da província e, depois, à velhice. No fim do nosso encontro, disse que eu podia aproveitar tudo o que ela havia me contado.

“Aproveitar?”

“Se um dia tu escreveres um romance...”

Mais de vinte anos depois do nosso encontro no Forte de Copacabana, me lembrei das histórias da Marquesa e, de fato, fiz de alguns lances de sua vida uma ficção.

Quando leu o romance, me telefonou para dizer que eu havia exagerado e inventado tanta coisa que mal se reconheceu na personagem da mulher adúltera.

“Ainda bem”, eu disse. “Se tivesse sido fiel à tua história, qual teria sido a reação da tua filha e do teu ex-marido?”

“Minha filha teria adorado, porque ela sabe de tudo. E meu ex-marido já virou pó. Não sabias? Morreu de infarto. Deve estar no inferno, limpando as botas dos amigos dele.”

La lamentar a morte do pai de minha amiga, mas decidi não dizer nada. Depois de uns segundos de silêncio, a Marquesa completou: “Além disso, ele nunca gostou de literatura. Por que iria ler o teu livro?”

Caderno de Cultura
“Nódoa no Brim”

Realização: **Diário da Serra**
O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA
ISSN 2238-6467

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso em Estudos Literários

Programa de Pós-Graduação
PPGEL

EDITORES

Walnice Vilalva é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras e possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

site: <http://www.nodoanobrim.com.br/>
e-mail: wdiaspino@gmail.com
ENDEREÇO
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II - Tangará da Serra - MT CEP: 78300-000
Fone (65) 3326-4724 Fax 3326-6501

Este caderno é parte integrante do Diário da Serra
www.diariodaserra.com.br

O GUARDIÃO DO PASSADO NO ÓRFÃOS DO ELDORADO

Maria Madalena da Silva Dias (PPGEL/UNEMAT)

Arminto Cordovil ao contar sua história a um anônimo, além de revelar a esse outro os segredos de um passado muito antigo, também divide a sua própria experiência de vida, criando-se entre o velho e o desconhecido, um laço de intimidade e de aproximação; estabelecendo, assim, uma familiaridade, pois contar a um estranho sua história é fazê-lo conhecer sobre si. O ato de compartilhar a memória internaliza, no outro, as experiências a partir da narração possibilitando o apagamento do estranhamento entre ambos (eu/tu), pois o ato de narrar conforma a experiência da aproximação.

Hatoum, ao nomear Arminto Cordovil como o detentor dos segredos desta caixa mágica possibilita que o guardião percorra o caminho narrativo tendo como referencialidade inicial a própria memória, visto que, ao narrar os relatos de sua vida privada, consegue sintetizar um grande repertório de narrativas em que apresenta a coletividade amazonense: o homem da piroca comprida, a mulher que foi seduzida pela anta-macho, a mulher da cabeça cortada e a cidade encantada. Percebe-se que o romance configura pela interposição, o entrecruzar de várias narrativas, próprias de um “trabalho essencialmente [...] da memória” (PINTO FILHO, 1997, p. 129), uma vez que a história íntima de Arminto é mediada pela representação de narrativas orais, permitindo ao romance um valor incomum que traz o fantasmagórico a um ambiente narrativo que aparentemente é de total lucidez.

A enunciação destas narrativas juntamente com a narração da sua vida privada possibilita a permanência das lembranças de Arminto, uma vez que a memória enunciada não morre, pois é o único fenômeno humano “onde repousam os tesouros das inumeráveis imagens [...] onde estão também depositados todos os produtos do [...] pensamento” (LE GOFF, 1992, 445), assim essas narrativas reconstróem a identidade do povo amazonense. A memória resulta também em patrimônio social e coletivo; e como herança sobrevive a gerações, pela força renovadora da oralidade como um legado.

Além do discurso essencialmente memorialístico, as histórias da cultura popular são a melhor representação da memória coletiva por legitimarem o patrimônio histórico e social, pois descrevem e ordenam a tradição estabelecida, imprimindo marcas de uma dada identidade: a memória narrada por Arminto é um patrimônio que está vinculado à cultura amazonense.

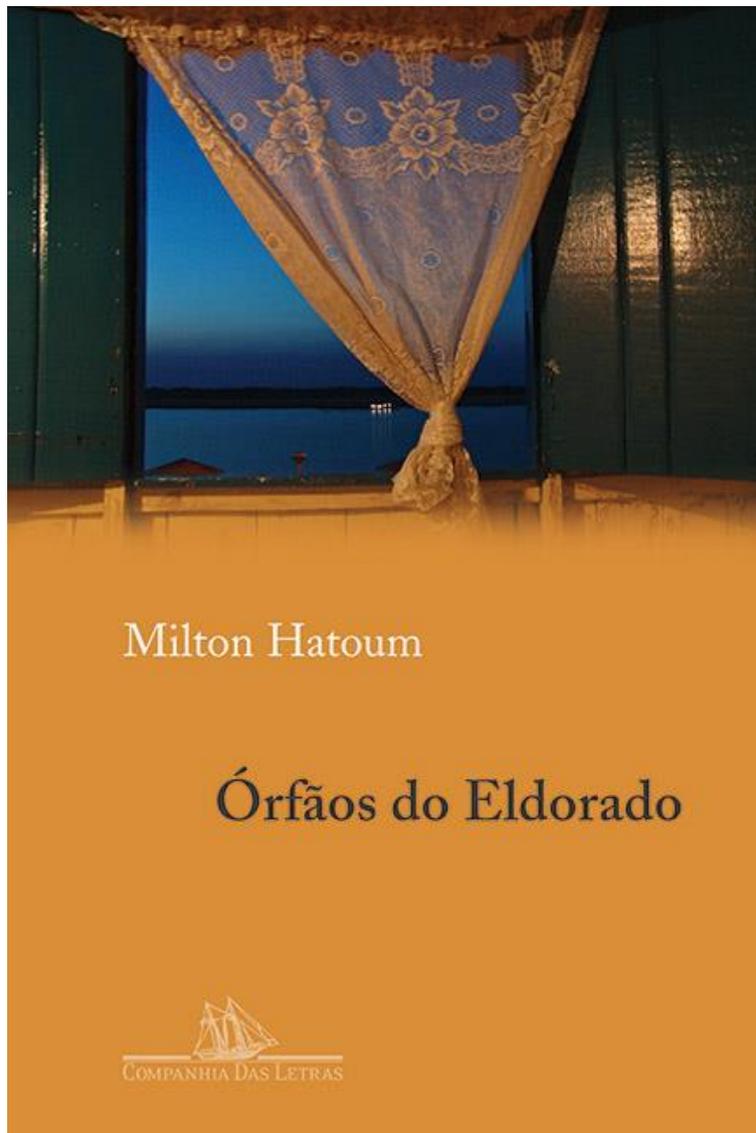
Coincidindo com o pensamento do historiador Le Goff, o sociólogo Maurice Halbwachs explica que o ser humano recorre “a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também completar” o que sabe de “um evento” a respeito do qual já possui “alguma informação” (HALBWACHS, 2006, p. 29). O discurso memorialístico tem como base os relatos do passado que são enunciados sempre no tempo presente. O indivíduo responsável por trazer os eventos para “o agora” fala sempre em primeira pessoa: “Lembro que elas choraram e saíram correndo, e só muito tempo depois eu entendi por quê” (HATOUM, 2008, p. 11), pois é a partir das próprias lembranças que ele, primeiro, apela para narrar. O primeiro testemunho ao qual o narrador-memorialístico recorre é sempre o seu, pois é “uma espécie de testemunho que vem depor sobre o que viu” (HALBWACHS, 2006, p. 29). Assim o testemunho do outro se junta para dar ao relato maior exatidão fazendo com que a experiência pertença a muitos outros indivíduos: “histórias que eu ouvia” (HATOUM, 2008, p. 12). Ao unir ao seu relato o testemunho de outros sujeitos: “Os Becassis, uma família de Belém, ele disse. O nome da mulher é Estrela, o filho é Azário. Diz que vão morar em Vila Bela” (HATOUM, 2008, p. 48-49), Arminto Cordovil dá à memória um efeito de certeza do narrado, de acabamento da experiência.

As muitas narrativas remetem ao já dito: “Diziam que morava numa cidade encantada, mas eu não acreditava [...] Diziam que ele ignorava o cansaço e a preguiça” (HATOUM, 2008, p. 14), levando as palavras dos contadores de histórias para o mundo da escrita. Dessa forma, a obra ganha um conjunto de referencialidade de lembranças de outros, do povo, visto que toda a lógica de tal narrativa se orienta pela memória do próprio protagonista que, posteriormente, é relacionada com a de anônimos e conhecidos. Assim, o narrador reelabora seu passado, forjado pela representação da oralidade: “Estás vendo aquele menino pedalando um triciclo? Um picolezeiro. Assobiando, o sonso. Vai se aproximar de mansinho da sombra do jatobá [...] Aí, só de pirraça, vai me encarar com olhos de coruja. Depois dá uns risinhos, sai pedalando, e lá perto da igreja do Carmo ele grita: Arminto Cordovil é doido. Só porque passo a tarde de frente para o rio” (HATOUM, 2008, p. 13-14).

O narrador dessas muitas histórias dispostas pelo viés da memória tem uma imagem central responsável por guiar sua narrativa até as

camadas mais profundas das lembranças: “Quando olho o Amazonas, a memória dispara, uma voz sai da minha boca, e só paro de falar na hora que a ave graúda canta” (HATOUM, 2008, p. 14). É inegável que a memória de Arminto Cordovil está guardada e solidificada nas águas do rio Amazonas, pois ao se deparar com o ponto de referência, há na memória desse ancião a reconstrução de uma época distante - o seu passado - atualizada por meio de uma matéria no presente.

Percebe-se que a memória presente na obra possui aspectos que são singulares e plurais a Arminto, uma vez que a história de sua vida privada, juntamente as narrativas orais fazem referencia a coletividade e a individualidade de suas lembranças. A individualidade da memória está na forma como o sujeito percebe o evento recordado, pois a consciência é singular a cada experiência rememorada. As sensações e emoções decorrentes do ato de recordar são únicas; o sujeito que lembra não as divide com outrem, assim a individualidade faz-se matéria e memória a partir do ponto de vista e pela percepção e não na experiência narrada. A coletividade dessa memória encontra-se relacionada a eventos e a sujeitos que fazem parte da vida privada e pública do narrador, ou seja, muitas memórias recordadas foram herdadas de outros indivíduos. Assim, há um acordo entre os membros do grupo mediado pelo sentimento de pertencimento e afinidades. É a memória coletiva que motiva e reforça este sentimento de pertencer a cada membro do grupo. Desta forma, é ao narrar as lembranças que Arminto Cordovil renova e retoma este sentimento de pertencimento. Vale dizer que muitas das histórias contadas pelo narrador são heranças deixadas pelos muitos indivíduos dos múltiplos grupos nos quais ele se envolve no decorrer da vida. Assim, a memória, aqui, é uma memória coletiva porque compõe um patrimônio histórico e social, reconstruindo a identidade do povo amazonense. O sujeito enunciativo das lembranças tem uma obrigação social, pois a recordação de eventos vividos pelo grupo no passado resulta na valorização das próprias lembranças do “eu” e, igualmente, na identidade do próprio grupo.



Queda Livre

Adrieli Ferreira Nogueira (UNEMAT)



O filme **Freier Fall** teve seu lançamento em 2013 e foi premiado em festivais na Alemanha e nos Estados Unidos. O longa foi escrito e dirigido por Stephan Lacant e conta com os atores Hanno Koffler, Max Riemelt e Katharina Schüttler.

Livro de Cabeceira

Essa terra me ama?

Claúdio Márcio da Silva (PPGEL/UNEMAT)

Uma das obras mais conhecidas de Antônio Torres, *Essa Terra* (1976) lança novos olhares a uma discussão antiga da literatura brasileira: o Brasil subdesenvolvido, onde a vida ainda resiste. A narrativa, que se passa na pequena cidade de Junco, sertão da Bahia, aborda a questão do êxodo rural de nordestinos em busca de uma vida melhor no Sudeste, principalmente São Paulo. Traz o conflito entre o universo rural e o urbano, questões



que ainda hoje despertam e a atenção dos brasileiros. Sucesso de público e de crítica desde seu lançamento, a obra se mantém como uma das narrativas mais marcantes da literatura brasileira contemporânea, conquistando um lugar de destaque. Também é sucesso no exterior, com traduções na França, Alemanha, Itália, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, Israel e Cuba.

A ideia do livro surgiu em 1973, quando já trabalhando como publicitário na movimentada cidade de São Paulo, o “louco motor paulista” como Torres costumava se referir à cidade, ele voltou suas lembranças a sua terra natal. Dialogando com uma tradição da literatura brasileira: a de discutir o nordestino como tema de ficção, em *Essa terra*, temos uma narrativa em primeira pessoa na qual o migrante aparece na forma de protagonista dotado de voz, e não abordado sobre uma perspectiva externa do narrador em terceira pessoa.

Marc tem um futuro promissor na academia de polícia e está prestes a se tornar pai. Leva uma vida profissional e pessoal estável até que Kay, um colega de quarto do campo de treinamento policial, aparece. Mesmo que ocorram alguns conflitos, é durante os exercícios de corrida que Marc e Kay vão se conhecendo. Dessa convivência profissional Marc começa a experimentar uma sensação nova e que não conhecia antes: se apaixonar por um homem. Sua vida com a família e sua nova paixão desenrola um conflito crescente em que dor, angústia, medo e preconceito são tratados com bastante sensibilidade.

Na perspectiva de Marc, a narrativa fílmica não aborda a simples questão da infidelidade de esposo e pai; mais que isso, mostra a difícil escolha para o homem em deixar-se amar por outro homem. A trama que parece simples está carregada de emoção, pela pujança na configuração do cotidiano que pode se tornar hostil, opressor, até mesmo violento. A realidade se impõe com grande intensidade. E a cena que mostra bem isso, aliás, fortíssima e que com certeza tem de ser mencionada, é a que traz Marc renegando sua condição de homossexual. Todos sabem que se assumir gay não é uma tarefa muito fácil e este filme, em nenhum momento, esconde este fato. Por isso eu recomendo! *Queda Livre* é um filme incrível!

Sob a ótica do narrador Totonhim, que filtra os acontecimentos dando-lhes uma interpretação sempre pessoal, conhecemos mais profundamente a realidade de pessoas excluídas e também as reconhecemos enquanto sujeitos de um problema histórico dentro do país. Totonhim, ainda jovem, testemunha o retorno de seu irmão Nelo a Junco. Nelo é o migrante que há tempos tinha partido para São Paulo, deixando para trás sua identidade para buscar salvação para família, que sofria com o endividamento e a conseqüente perda de sua pequena propriedade rural para um banco. Por esse ato, Nelo era tido como o membro mais importante e prestigiado da família, admirado por todos já que acreditavam que ele tinha prosperado em São Paulo uma vez que com frequência enviava dinheiro para a família. No entanto, Nelo ao regressar para a terra natal, ele está desiludido, doente e frustrado, principalmente por não atender ao que a família esperava, e por isso acaba cometendo suicídio. Está aí o nó do enredo, uma síntese do contraste entre a promessa de prosperidade trazida pelos grandes centros urbanos e o sertão esquecido, de frustração. Todavia, mesmo com a tragédia vivida pelo irmão, Totonhim também parte para a metrópole buscando realizar o sonho de uma vida melhor no Sul e ele.

Tamanho impacto e sucesso obteve o livro, que a trajetória de Totonhim prossegue em mais dois romances, formando assim uma trilogia. Em 1997 é publicado *O cachorro e o lobo*, e em 2006 sai *Pelo fundo da agulha*, vencedor do Prêmio Jabuti, dando continuidade à saga. Essa trilogia de Antônio Torres, como muitos outros livros da literatura brasileira, ficcionaliza representações da pobreza e da marginalidade, dos excluídos, personagens migrantes, bem como as divagações de personagens que pela memória, buscam a construção de sua identidade.

Essa terra, que se coloca na mesma linhagem de obras como *Vidas secas* e o *Quinze*, desperta o senso crítico do leitor acerca das condições de existência do ser humano, e por isso, merece um lugar entre os grandes romances brasileiros. Totonhim e sua família ilustram, da mesma maneira que nas narrativas anteriores, os sertanejos contemporâneos, fascinados pelas promessas de trabalho e fortuna, que ainda continuam deixando o sertão rumo a cidades mais desenvolvidas, mesmo que a urbe rejeite esses migrantes, que nascido em um mundo rural, só sabem lidar com a terra. A metrópole não garante a solução dos problemas do homem simples do sertão, podendo até agravá-los. Assim, para compreender melhor e alargar a visão sobre essas questões ainda não solucionadas no Brasil, convido a leitura da história de Totonhim, Totonho, Toinho, enfim de Antonio Torres. Boa leitura!